Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1155 04.05.2025 (136)

Hitler em guerra : O que é que *realmente* aconteceu?

por A.V. Schaerffenberg

Parte 2

Capítulo 1:
Quem começou realmente a guerra?

Quem brandir a tocha da guerra na Europa não pode desejar outra coisa senão o caos."

Adolf Hitler, 3 de agosto de 1939

Apesar de ser universalmente considerado pelos historiadores convencionais como o único responsável pela Segunda Guerra Mundial, este foi um papel para o qual Adolf Hitler era totalmente inadequado, tanto a nível pessoal como ideológico. Como um soldado comum durante a Primeira Guerra Mundial, testemunhou a morte violenta dos seus camaradas mais próximos e foi ele próprio vítima de um excruciante ataque de gás mostarda que quase lhe custou a visão. Quatro anos na frente de batalha colocaram-no frente a frente com os horrores indescritíveis da

guerra das trincheiras, uma experiência que nunca desejou que se repetisse para si ou para os seus compatriotas.

Após o armistício, desenvolveu o nacional-socialismo, cujo princípio central é a preservação da humanidade ariana. Hitler ensinou que todos os brancos, independentemente das suas nacionalidades individuais, são irmãos e irmãs da mesma raça. Por isso, as guerras entre arianos são conflitos fratricidas e devem ser evitadas. Na guerra, lamentou, os melhores indivíduos são os soldados que mais livremente dão a vida pelo seu país, empobrecendo assim a sociedade através da perda dos seus membros mais valiosos. Após a sua eleição como chanceler alemão, a principal paixão de Hitler não era a re-militarização, mas a renovação social do seu país. A reforma cultural fascinava-o especialmente e ele queria passar o resto da sua vida a renovar as cidades alemãs. Quando a guerra chegou, considerou-a uma distração do seu verdadeiro interesse e lamentou muitas vezes não ter estado mais felizmente ocupado na realização de projectos de obras públicas. Como explicou várias vezes, mesmo durante o conflito, "sou um construtor ávido, mas um general relutante", uma observação que dificilmente caracteriza o papel de "conquistador do mundo" que lhe foi atribuído pelos seus inimigos.

Hitler estava, no entanto, profundamente interessado em assuntos internacionais, particularmente no que se referia diretamente à ameaça soviética. Juntos, o Terceiro Reich e a Itália fascista actuariam como um "Eixo" central, em torno do qual os outros povos continentais se poderiam reunir, reforçando a espinha dorsal da Europa Central. O Japão imperial conteria a expansão do comunismo na Ásia, enquanto uma aliança com a Grã-Bretanha combinaria a maior potência naval do mundo com o seu exército mais poderoso, as forças armadas alemãs, a Wehrmacht. Assim contido, o colosso soviético implodiria sem necessidade de guerra. Era o que ele esperava.

No entanto, quando as hostilidades já não podiam ser evitadas, Hitler esteve à altura da ocasião. A sua experiência em primeira mão na Frente Ocidental, mais de vinte anos antes, ensinou-o como nenhuma educação militar formal o poderia fazer. Além disso, as suas campanhas políticas do pós-guerra - com a sua repetida ênfase na ação de massas - foram elas próprias conduzidas como campanhas de batalha. Inegavelmente, porém, os dons naturais de Adolf Hitler foram os factores mais importantes na sua liderança como o maior senhor da guerra do século XX, talvez de todos os tempos. Os numerosos exemplos das suas capacidades superiores citados nesta história sublinham o estatuto inquestionável de Hitler como o principal estratega e líder da Segunda Guerra Mundial. Entre eles, destaca-se o seu próprio plano para a captura crucial do Forte Eben Emael, na Bélgica, sem o qual toda a Campanha Ocidental não teria sido possível, e a sua salvação, sozinha, dos exércitos alemães no início do inverno de 1941, quando toda a Frente Oriental es-

tava à beira do colapso iminente. Estes e muitos outros feitos militares não tiveram paralelo, de tal forma que é impossível imaginar qualquer outro líder, quer do Eixo, quer dos Aliados, a realizá-los.

Isto não quer dizer que ele nunca cometeu um erro. Como Hitler disse de si próprio pouco antes da sua bem sucedida invasão de França, na primavera de 1940, "O Sr. Churchill declarou recentemente numa emissão de rádio que contava 16 erros que cometi até agora nesta guerra. Ele está enganado. Cometi pelo menos o dobro dos erros de que tenho conhecimento! Mas se o Sr. Churchill e os seus seguidores cometeram apenas um erro, é muito pior do que qualquer outro que eu tenha cometido; nomeadamente, quando começaram esta guerra que deve inevitavelmente terminar, independentemente do seu resultado, na dissolução do Império Britânico."

A falha mais grave de Hitler, como tardiamente admitiu, foi ter depositado a sua confiança no Estado-Maior alemão. Como era um homem de palavra, não podia imaginar que outra pessoa, especialmente um oficial alemão, actuasse de forma desonrosa. No entanto, a responsabilidade pela derrota final de 1945 recaiu principalmente sobre alguns generais alemães, o pior bando de traidores jamais infligido a qualquer país. Ao contrário dos seus homólogos aliados ocidentais, Hitler não nasceu com uma colher de prata na boca. A riqueza, a posição social, a política como de costume e o poder ou prestígio pessoal - as mesmas coisas que obcecavam F.D.R. e Churchill - repeliam-no. Enquanto Roosevelt se encontrava com a elite financeira de Nova Iorque no Hyde Park, Hitler, atingido pela pobreza, vendia as suas aguarelas em Viena por alguns florins. Mais tarde, quando Hitler arriscava a vida como um soldado sem nome na Frente Ocidental, Churchill, a partir da segurança do Home Office de Londres, enviava milhares de australianos para serem inutilmente massacrados nas praias de Gallipoli, e Estaline era um homem de assalto na Rússia czarista.

Hitler foi durante tanto tempo associado na mente popular à pior tirania que o mundo alguma vez conheceu que qualquer pessoa que descubra a verdade sobre o seu governo fica invariavelmente espantada. Considerá-lo no contexto do seu próprio tempo esclarece muita coisa. Até ao fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha era governada por uma monarquia obsoleta. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o país ficou dividido entre marxistas que se auto-intitulavam marxistas e que viam a Alemanha apenas como um banco de apoio para a União Soviética; conservadores capitalistas mais interessados em preservar a sua riqueza do que a sua raça; e democratas de cabaré que chafurdavam na "deliciosa decadência" dos anos 20. Em suma, a Alemanha não tinha, pura e simplesmente, uma tradição de bom governo.

Quando Hitler se tornou chanceler, não tinha qualquer precedente sobre o qual

pudesse erigir uma administração sensata, mas o caos que assolava a sua nação gritava por uma nova ordem pública. As únicas alternativas que se lhe deparavam eram o regime autoritário ou a dissolução social. É verdade que ele foi um dos homens mais poderosos da história, mas não por causa dos poderes governamentais que possuía, ou das forças armadas à sua disposição, mas por causa da devoção esmagadora do seu povo. Nenhum outro indivíduo foi mais amado pelos seus concidadãos. Também não governou sem o seu consentimento. Afinal de contas, tinham-no eleito para o poder como seu representante legal. Depois disso, consultava-os sempre sobre as suas grandes decisões em tempo de paz, através de referendos, em que lhes era pedido que votassem a favor ou contra a sua política. Controlados quanto à sua integridade por comissões de controlo internacionais, algumas de países hostis à Alemanha, estes plebiscitos aprovaram sistematicamente o regime nacional-socialista por 90% do eleitorado ou mais, na maior parte das vezes na faixa superior desse percentil. Por exemplo, dos 2,94 milhões de boletins de voto lançados nas eleições de 4 de dezembro de 1938 nos Sudetas, 2,64 milhões de votos (98,8%) foram para o NSDAP. No início desse mesmo ano, quando Hitler perguntou ao povo austríaco se queria fazer parte do Terceiro Reich, 99,7% responderam afirmativamente.

Nenhum político democrata na Terra, antes ou depois, jamais obteve esse tipo de índice de aprovação. É compreensível que o seu ódio profundo por este homem extremamente popular tenha origem em ciúmes pessoais. Roosevelt, Churchill, Clinton, Bush e todos os outros homens da frente dos judeus nunca conseguiram obter mais do que uma fração do apoio que Adolf Hitler recebeu dos *seus concidadãos*. Se a democracia é o "governo popular do povo", então ele era um "democrata" no seu verdadeiro sentido. Como ele próprio perguntou: "Onde é que existe uma "democracia" semelhante noutros países? Em que outro lugar o povo e a liderança, a nação e o governo se fundiram tão completamente e estão tão próximos um do outro?" Mesmo assim, como o Führer deixou claro na sua "conversa de mesa", ele considerava o Estado populista do Terceiro Reich como uma ponte para uma república racial-autoritária idealizada, modelada segundo a Constituição dos EUA com as suas leis de imigração e naturalização, que ele tanto admirava. Tragicamente, essa visão de liberdade foi extinta por estrangeiros que preferiram a destruição em massa à liberdade política.

Talvez nada ilustre melhor as diferenças entre os líderes do Eixo e dos Aliados do que a comparação das prendas que trocaram durante a guerra. Por ocasião do seu 59º aniversário, em 1942, Mussolini recebeu de Hitler um conjunto completo e maravilhosamente encadernado das obras de Friedrich Nietzsche, o grande filósofo do século XIX. Nesse mesmo ano, por ocasião do *seu aniversário*, Franklin Roosevelt enviou a Winston Churchill uma caixa de bourbon.

Apenas seis anos antes de o seu país declarar guerra ao Terceiro Reich, quando questionado por um repórter do *London Times sobre o* que pensava de Adolf Hitler, Churchill respondeu que, se alguma vez a Inglaterra fosse atingida por catástrofes como as que assolaram a Alemanha, ele rezaria a Deus para que um homem de génio como o Fuehrer conduzisse o povo britânico à sua salvação. Mais espantoso ainda é o facto de, na década anterior, Churchill ter escrito um longo artigo para o prestigiado jornal londrino *Illustrated Sunday Herald* (8 de fevereiro de 1920), no qual descrevia o comunismo como uma tirania assassina liderada por terroristas judeus, cujas revoluções devem ser impiedosamente extintas em qualquer país em que apareçam.

Nessa mesma década, declarou: "É dever do mundo civilizado reconquistar a Rússia. Os soviéticos não representam a Rússia. Representam um conceito internacional totalmente estranho e até hostil ao que chamamos civilização. Vencer a Rússia, militar e moralmente, seria uma tarefa demasiado pesada para os vencedores da Primeira Guerra Mundial sozinhos e, como temos de o fazer, fá-lo-emos com a Alemanha. A Alemanha conhece a Rússia melhor do que ninguém. Essa será para ela a grande oportunidade. Nada é possível na Europa sem a Alemanha; tudo é possível com ela". No entanto, quando Hitler aceitou a sua sugestão, aproveitando "a grande oportunidade" de atacar a Rússia, Churchill condenou-o como um "agressor" e enviou ajuda militar aos soviéticos que dizia desprezar.

Apesar destas inconsistências desconcertantes, os historiadores convencionais, ignorando as suas declarações anti-comunistas e mesmo anti-judaicas publicadas menos de vinte anos antes da Segunda Guerra Mundial, continuam a consagrá-lo como um dos heróis mais ilustres do século XX pela sua oposição intransigente a Adolf Hitler e a tudo o que o líder alemão representava. Talvez a personalidade contrária de Churchill possa ser compreendida no contexto do alcoolismo que o afectou durante toda a vida. Uma das suas piadas mais memoráveis surgiu em resposta a uma deputada do Parlamento, que se queixou amargamente de que ele desacreditava aquele augusto órgão ao aparecer frequentemente embriagado. Desviando-se habilmente da questão que ela levantou, ele declarou: "Amanhã estarei sóbrio. Mas vós, senhora, continuareis a ser feia!"

Num encontro semelhante, foi abordado por Lady Astor, recentemente alertada para o alcance da sua vilania: "Se eu fosse sua mulher", disse-lhe ela, "punha veneno no seu uísque!" "E se eu fosse o teu marido", respondeu-lhe ele, "bebia-o!"

Até o seu melhor amigo, Franklin Roosevelt, se referia a ele de forma cáustica como "aquele vadio bêbado". Durante uma visita ao primeiro-ministro britânico no verão de 1940, Sumner Welles terá encontrado Churchill num estado incoerente e alcoólico. Um fator que contribuiu para a sua instabilidade emocional pode ter sido a ascendência politicamente problemática de Churchill, que ele se esforçou

por manter em segredo. A sua mãe era Jenny Jerome, uma judia americana. Quando a origem judaica de Franklin Roosevelt é adicionalmente tida em conta na liderança suprema dos Aliados, a sua identidade racial e a origem do ódio indelével a Hitler tornam-se claras.

É certo que o comportamento pessoal de Churchill ultrapassava muitas vezes os limites da excentricidade, beirando a verdadeira loucura, como a sua tendência lunática para usar roupa interior de mulher e o exibicionismo nu. Por exemplo, durante uma visita a Washington, D.C., em 1942, confrontou um assustado F.D.R. completamente nu, explicando apenas: "Está a ver, Sr. Presidente, não tenho nada a esconder de si!" Numa ocasião posterior, o Primeiro-Ministro ficou tão emocionado com a visão de bombardeiros britânicos a sobrevoar a baixa altitude durante uma missão de treino, que se despiu e depois correu a gritar nu pela tamargueira, para espanto dos oficiais da RAF e dos executivos das companhias de aviões reunidos. O conhecimento público de incidentes lamentáveis como este foi, naturalmente, suprimido por razões de segurança nacional e de moral até muito depois de 1945.

Mas o impulso motivador de Churchill era uma paixão patológica pela guerra e pela destruição humana que ela provoca. Na Conferência de Casablanca, ele disse a Roosevelt que o progresso só pode ser feito em tempo de guerra; só há complacência na paz, afirmou ele. O Dr. Goebbels via Churchill como um equivalente do século XX ao grego que queimou o belo Templo de Diana em Éfeso, em 356 a.C., só para se imortalizar; o Primeiro-Ministro era "um fator de destruição. Passará certamente à história como o Heróstrato da Europa, capaz de perpetuar o seu nome apenas destruindo o que muitas gerações construíram ao longo de muitos séculos" (17 de março de 1945).

Longe da sua imagem idealizada de defensor da conduta ética, toda a carreira de Churchill foi construída com base no subterfúgio e na manipulação imoral. Por exemplo, em junho de 1941, pediu a Sir William Stephenson, chefe dos serviços secretos britânicos na América do Norte, que entregasse ao Departamento de Estado dos EUA uma carta alegadamente escrita pelo Major Elias Belmonte, incriminando o adido militar boliviano em Berlim como líder de uma conspiração para derrubar o governo de LaPaz com a ajuda de Hitler e criar um Estado fantoche nazi na América do Sul. Embora a carta tivesse sido inteiramente fabricada por Stephenson, a sua aceitação acrítica como autêntica pela imprensa americana e pela administração Roosevelt fez com que o inocente major boliviano fosse desonrosamente dispensado e levou os seus iludidos compatriotas a declarar guerra à Alemanha.

A população alemã da Bolívia foi subsequentemente internada durante os quatro anos seguintes, em condições pelas quais as prisões sul-americanas são famosas.

Entretanto, o verdadeiro objetivo do engano de Churchill era dar ao F.D.R. mais uma desculpa pronta para incitar a opinião pública americana contra o Terceiro Reich. Logo após este sucesso de propaganda, Stephenson forjou um "mapa secreto nazi" que detalhava os planos de Hitler para conquistar a América do Sul. As revelações forjadas deste pérfido documento foram engolidas pelo presidente dos Estados Unidos.

Uma década antes, no início dos anos 30, a carreira política de Winston estava a derrapar. As dívidas de jogo contraídas por Randolf, o seu filho mal comportado, ameaçavam a falência e a perda da sua adorada propriedade rural, Chartwell. Em desespero, juntou-se ao "Focus", uma sociedade secreta de uma dúzia de ex-políticos que tinham perdido os seus confortáveis empregos no governo durante a Depressão e estavam determinados a recuperá-los por todos os meios possíveis. Conscientes de que estes "estadistas" desempregados diriam ou fariam qualquer coisa para voltarem ao poder, os judeus pescaram no "Focus" vários representantes gentios para servirem de fachada para a sua planeada destruição da Alemanha. A sua maior presa foi Winston Churchill.

A partir de 1936, os habitantes do "Focus" foram ricamente financiados pelo Congresso Judaico Americano, pelo Conselho de Deputados dos Judeus Britânicos de Londres e pelo Presidente do Departamento, Presidente da British Shell, Sir Bernard W. Cohen. Pagaram a Churchill 50.000 libras para agitar contra Hitler, que, como já foi referido, ele admirava pessoalmente. A reputação de Churchill como prostituto de causas anti-nazis cresceu. Seis anos mais tarde, disse a Franklin Roosevelt que estava "comprometido com a política sionista".

Em 1938, Winston recebeu 800.000 dólares do plutocrata judeu, Sir Henry Starchos, que perdeu as suas propriedades monopolistas na Áustria após o *Anschluss*. A sua missão era condenar a união desse país com o Reich, apesar dos referendos controlados internacionalmente, nos quais a grande maioria dos austríacos votou a favor da adesão à Alemanha. Nesse mesmo ano, o governo de Praga enviou o ministro dos Negócios Estrangeiros pró-comunista, Jan Masaryk, para Londres com 2 milhões de libras para o "Focus" e ordens para os seus membros derrubarem Neville Chamberlain, que os checos consideravam demasiado brando para com o Fuehrer. Os alemães tomaram conhecimento da aceitação de dinheiro estrangeiro por parte de Churchill e informaram Chamberlain pouco antes do Acordo de Munique, uma das razões para o seu desfecho favorável a Hitler. Mas a nova e lucrativa carreira de Churchill como porta-voz contratado das agendas judaicas estava assegurada.

Durante o chamado "Blitz de Londres", Churchill foi elogiado pela imprensa aliada por se ter colocado ao lado do povo inglês, partilhando os seus perigos e dificuldades e encorajando-o a seguir o seu exemplo pessoal de coragem desafi-

adora. De facto, os serviços secretos britânicos sabiam com bastante antecedência de todos os ataques aéreos alemães e transmitiam secretamente a informação a Churchill, que invariavelmente fugia para o seu refúgio privado no campo. Mais ninguém conseguiu evitar o Blitz através desta rota de fuga confidencial. Depois de soar o "tudo em ordem", Churchill regressou a Londres, onde se pavoneou perante as câmaras dos noticiários enquanto gesticulava um mudra em *V de vitória* com os seus dois dedos rechonchudos e manchados de charuto, murmurando desafiadoramente: "Nós aguentamos!"

Na tarde de 14 de novembro de 1940, tinha acabado de sair de Londres para evitar o regresso antecipado da Luftwaffe, quando um relatório secreto dos seus decifradores de códigos o informou de que o próximo alvo dos bombardeiros seria Coventry. Regressado à segurança da capital, Churchill postou-se desafiadoramente no telhado do edifício do seu quartel-general, desafiando os nazis inexistentes no céu com o punho cerrado, para benefício dos repórteres e fotógrafos. As imagens da coragem indómita do Primeiro-Ministro foram exibidas em todo o mundo, enquanto a Luftwaffe bombardeava a longínqua Coventry.

Como exemplo da sua abominável insensibilidade em relação ao sofrimento dos civis britânicos, na noite de 10 de maio de 1941, Churchill foi notificado de que um ataque aéreo particularmente intenso a Londres estava a causar um caos sem precedentes. Nas suas próprias palavras, "como não havia nada que pudesse fazer, fui para a minha sala de projeção privada, onde me diverti a ver um filme dos irmãos Marx". É de perguntar como se sentiriam os londrinos que se amontoavam para salvar a vida nas estações de metro subterrâneas se soubessem que, entretanto, Churchill estava a rir-se de um filme judeu americano na luxuosa segurança do seu retiro no campo.

Em julho de 1944, com um Reich enfraquecido a menos de um ano da derrota, Churchill ordenou um ataque com antraz contra os civis alemães. Os seus generais, horrorizados, persuadiram-no contra o assassínio em massa apenas lembrando-lhe que Hitler iria certamente retaliar, enviando justificadamente bombas voadoras V-1 armadas com ogivas de gás venenoso contra Londres. Foi preciso um mês de discussões para finalmente o convencerem de que devia abandonar os seus planos de genocídio ariano. Como mais tarde se queixou, "os parsons entre os meus generais impediram-me de ir até ao fim". Se o seu ataque com antrax tivesse sido levado a cabo, praticamente todos os seres vivos do continente europeu teriam sido exterminados, incluindo os habitantes de todos os países aliados e neutros.

Apesar de todo o seu amor pelo derramamento de sangue, Churchill, para além de ser um cobarde físico, era um militarista extremamente fraco. Durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto chefe do Almirantado, enviou milhares de

soldados de infantaria australianos para a morte numa invasão da Turquia que estava condenada. O desastre de Gallipoli não foi apenas uma derrota, mas uma grave humilhação para os Aliados às mãos de meros turcos, que teria feito com que qualquer outro comandante fosse condenado à prisão perpétua. No entanto, Churchill era mais um político astuto do que um líder militar e, vinte e cinco anos mais tarde, estava de novo no poder. Repetiu a sua asneira numa escala de morte muito maior, desviando a estratégia dos Aliados, contra a advertência dos conselheiros britânicos e americanos, para aquilo que insistia ser "o baixo ventre da Europa".

Dezenas de milhares de soldados aliados caíram numa campanha italiana que prolongou desnecessariamente a guerra e nunca lhes trouxe sucesso estratégico. Após quase dois anos de sofrimento e massacre, as forças anglo-americanas ainda se encontravam atoladas em Itália quando a Alemanha se rendeu, tudo graças às garantias de Churchill de que iriam "conseguir uma rápida penetração na Áustria", em 1943. Ralph Edwards, o diretor das operações navais britânicas, que trabalhou em estreita colaboração com Churchill ao longo da guerra, descreveu-o como "sem dúvida um dos piores estrategas da história" (Irving, *Churchill's War,* Vol. 2, 103).

A reputação artificialmente preservada de Churchill como o maior orador do século em língua inglesa é apenas parte da sua duradoura imagem fraudulenta. As suas emissões radiofónicas estimulantes incitavam os britânicos a lutar, resistir e morrer na guerra que ele há muito preparava para eles. Graças, em grande medida, a essas transmissões inspiradoras, o povo britânico resistiu nas piores circunstâncias durante seis longos anos, durante os quais meio milhão de pessoas perdeu a vida. Durante todo esse tempo, ele escondeu cuidadosamente as ofertas de paz mais do que generosas que Hitler fez à Grã-Bretanha. Também foi escondida a verdadeira identidade da famosa voz que os ingleses e inglesas foram levados a acreditar que pertencia ao seu heroico Primeiro-Ministro. Muitas das emissões de língua de prata que lhe eram atribuídas eram, na verdade, proferidas por Norman Shelly, um ator de rádio selecionado pela sua capacidade de imitar Churchill nas ocasiões em que este estava demasiado bêbado ou de ressaca para falar em público.

A imagem pública e duradoura de Winston como um campeão contra a ditadura está em contradição com a sua ambição, frequentemente declarada, de criar, como propôs a Roosevelt em 20 de maio de 1943, um "ditador mundial", que privaria para sempre o seu próprio aliado francês de qualquer força militar e reduziria os poucos sobreviventes alemães da guerra a um estatuto perpétuo de escravos. O poder mundial deveria ser confinado ao Império Britânico, aos Estados Unidos e à União Soviética. Roosevelt concordou, diferindo apenas no facto de o título

"moderador" ser politicamente mais aceitável.

Churchill viveu até uma idade avançada, tornando-se obeso em banquetes luxuosos, escrevendo histórias censuradas e em benefício próprio e pintando dezenas de quadros tão amadores quanto esquecidos. Quando a morte finalmente chegou, em 1965, deixou instruções para um funeral espalhafatoso, que especificava, entre outras reviravoltas de megalomania, que todos os guindastes ao longo das margens do Tamisa fossem baixados quando o seu caixão de grandes dimensões passasse a flutuar. Tal como em *A Tempestade*, de Shakespeare, todo o povo britânico poderia ter exclamado nesse momento: "Que idiota três vezes maior fui eu ao tomar este bêbado por um deus e adorar este tolo sem graça!"

Tal como Churchill, F.D.R. era um mestre das relações públicas. Sabia como se insinuar junto dos eleitores como seu "compatriota americano", e as suas emissões de rádio regulares, as chamadas "fireside chats", eram cuidadosamente orquestradas para enfatizar a sua personalidade humilde, caseira e "apple pie". Hitler e o nacional-socialismo não interessaram minimamente ao F.D.R. até 1937. Era um ano de eleições e o político temia terminar a sua vida pública como um presidente de um só mandato. Quatro anos antes, ele tinha entrado na Casa Branca garantindo aos americanos que iria acabar com a Grande Depressão. Mas os seus programas democráticos, repletos de corrupção, não deram em nada e o desemprego nacional continuava a aumentar. Como disse o Fuehrer sobre Roosevelt: "Se as suas políticas económicas tivessem continuado indefinidamente durante o tempo de paz, não há dúvida de que, mais cedo ou mais tarde, teriam derrubado este presidente, apesar de toda a sua esperteza dialética."

É evidente que a carreira de F.D.R. dependia da saúde económica do país. Finalmente apercebeu-se que a única maneira de pôr o país de pé era fazer arrancar a produção, e o método mais rápido era o fabrico maciço de armas. No entanto, para justificar a transformação das fábricas americanas em fábricas de armamento, era necessária uma ameaça séria ou, pelo menos, a ilusão de uma ameaça. Como inimigo recente, a Alemanha era o bicho de sete cabeças adequado. Os judeus que dominavam a imprensa e a indústria cinematográfica americanas ficaram satisfeitos por serem os mais dedicados propagandistas de Roosevelt. Juntamente com a sua retórica alarmista, a profusão de filmes anti-nazis de Hollywood e a incansável agitação nos jornais contra Hitler acabaram por gerar uma histeria nacional tal que a invasão parecia iminente. Neste clima artificial de medo, o Presidente conseguiu fazer passar as suas despesas militares exageradas por um Congresso intimidado pela agitação dos eleitores. E, ao levantar a voz sobre a ameaça mortal que a Alemanha nazi representava para os Estados Unidos (que não era maior do que o Texas), o Presidente conseguiu desviar a atenção da depressão persistente e crescente que não conseguia resolver.

Embora o seu fabrico de armas, inspirado pelo pânico, tenha começado a estimular a produção nacional, as armas são bens perecíveis que têm de ser utilizados, caso contrário enferrujam e tornam-se obsoletas devido aos avanços tecnológicos. Para esse efeito, Roosevelt precisava de guerra. Através do seu agente flutuante na Europa, William C. Bullitt, fez promessas secretas de que os políticos de Varsóvia podiam contar com a intervenção armada dos Aliados, se provocassem um confronto militar com o Terceiro Reich. Enganados, assim, ao imaginarem que poderiam saciar-se com um banquete de vitória a baixo preço, os polacos precipitaram as hostilidades (como descrito abaixo), o que lhes saiu pela culatra da pior maneira possível. Mas com o início da guerra na Europa, os planos de participação de Roosevelt sofreram um sério revés com as sondagens de opinião nacionais, que mostravam que a grande maioria dos americanos se opunha ao envolvimento dos Estados Unidos em qualquer guerra, a não ser que fossem deliberadamente atacados. Como um político consumado, Roosevelt fez uma campanha vigorosa numa "plataforma de paz" popular para as eleições presidenciais de 1941.

Entretanto, manobrou continuamente para provocar Hitler a declarar guerra aos Estados Unidos, cedendo navios de guerra à Royal Navy, enviando mantimentos para Inglaterra em cargueiros americanos escoltados por destroyers da U.S. Navy, chegando mesmo a ajudar diretamente as operações militares britânicas. Um dos exemplos mais flagrantes foi a posição do *Bismarck*, comunicada por rádio aos britânicos, que anteriormente não o conseguiam encontrar, por um hidroavião PBY da marinha americana, permitindo-lhes assim afundar o navio de guerra alemão com grande perda de vidas. No mesmo mês em que Roosevelt foi eleito por eleitores convencidos de que ele estava determinado a manter o seu país fora do conflito europeu, deu instruções à sua Marinha para "disparar contra os navios de guerra do Eixo sempre e onde quer que fossem encontrados". Este ato foi muito além de todas as outras violações da neutralidade americana, constituindo uma declaração de guerra. Mesmo assim, Hitler recusou-se teimosamente a morder o isco.

Em 9 de agosto de 1941, durante a Conferência da Carta do Atlântico, Roosevelt prometeu confidencialmente a Churchill que iria "trabalhar para um incidente" que arrastaria a América para a guerra contra a vontade da maioria dos seus compatriotas. Mais tarde, Winston comunicou ao rei Jorge VI que a estratégia do Presidente não era declarar a guerra, mas provocá-la através da criação de um incidente. No dia 30 de outubro anterior, F.D.R. tinha entoado seriamente na rádio nacional: "E já que estou a falar convosco, mães e pais, dou-vos mais uma garantia. Eu já disse isso antes, mas vou dizer de novo e de novo e de novo: Os vossos rapazes não vão ser enviados para nenhuma guerra no estrangeiro!" Ainda ho-

je, pelo menos alguns académicos americanos compreendem, tal como Gore Vidal, que "Roosevelt contou mentiras para nos fazer entrar na guerra contra Hitler, o que, tendo em conta a natureza da besta, muitas pessoas ficaram e ficam contentes por ele o ter feito".

Frustrado e ansioso com a possibilidade de a sua economia, baseada na ameaça, desencadear outro colapso económico ainda mais grave se os EUA não entrassem rapidamente na luta, o Presidente bateu à porta que o historiador Harry Elmer Barnes designou como "a porta das traseiras da guerra". A porta abriu-se para o parceiro anti-Comintern da Alemanha. Durante a mesma Conferência da Carta do Atlântico, Churchill e Roosevelt expressaram o seu desejo comum de atacar o Japão, então ainda uma nação neutra, depois de agosto de 1941. O seu esquema foi aplaudido por Cordell Hull e outros políticos que rodeavam o Presidente, mas os seus conselheiros militares afirmaram que a América seria militarmente incapaz de arriscar hostilidades até ao final do outono.

Antes, a 26 de julho de 1941, F.D.R. já tinha imposto um embargo petrolífero internacional contra os japoneses por causa da sua invasão da China, que, evidentemente, não lhe dizia respeito, devido à ausência total de interesses americanos nesse país. A sua ação foi um ato económico de agressão letal, porque a existência industrial do Japão dependia inteiramente do petróleo importado do estrangeiro. Especialistas de ambos os lados do Oceano Pacífico calculavam que a sociedade japonesa se desintegraria na pobreza e na fome na primavera seguinte. Roosevelt esperava que o seu embargo incitasse os japoneses a atacar primeiro, reunindo assim o apoio popular para o seu envolvimento na Segunda Guerra Mundial.

Decepcionantemente, o Governo japonês respondeu, não com desafio, mas com conciliação. O Ministro dos Negócios Estrangeiros Shigenori Togo enviou um "Plano de Cinco Pontos" a Washington, oferecendo importantes concessões, incluindo a renúncia a áreas na China especificamente mencionadas pelos americanos e auto-limitações à expansão ultramarina japonesa para aliviar o excesso de população. Além disso, procurou retomar as negociações para discutir o "Plano" do Gabinete para a normalização das relações entre as duas potências. Mas Roosevelt tinha tudo menos paz na sua mente. Decidiu iniciar as hostilidades o mais rapidamente possível, com ou sem a aprovação do povo americano. Já tinha decidido lançar um ataque aéreo americano contra o Japão em meados de novembro, a partir das bases de Claire Chennault no leste da China. De facto, o Presidente tinha autorizado o ataque furtivo três dias antes de impor o embargo ao petróleo. Churchill, há muito desesperado para que os Estados Unidos entrassem na guerra, foi informado das boas notícias pelo Secretário de Estado dos EUA, Cordell Hull, através de códigos diplomáticos ultra-secretos.

Um artigo do *The Los Angeles Times* sobre o 60º aniversário do ataque japonês de 1941, com o título "O Japão violou o código dos EUA antes de Pearl Harbor, segundo uma investigação". A jornalista Valerie Reitman relatou que um jovem professor de história nipo-americano da Universidade de Kobe encontrou registos escritos da era Roosevelt, desclassificados pela Agência Central de Inteligência dos EUA em 1996. Toshihiro Minohara descobriu-os entre informações sobre códigos secretos anteriores à guerra nos Arquivos Nacionais dos EUA em College Park, Maryland. Os documentos em microfilme anexados mostravam traduções japonesas de telegramas da F.D.R. para vários embaixadores e líderes aliados. Os criptógrafos de Tóquio tinham aparentemente quebrado os principais códigos diplomáticos do Presidente.

Para confirmação, Minohara pediu ao Dr. Satoshi Hattori, professor de história moderna na Universidade de Kobe, que efectuasse uma pesquisa especial nos arquivos diplomáticos de Tóquio. Numa pasta intitulada "Documentos Especiais", Hattori encontrou trinta e quatro comunicados dactilografados, na sua maioria em inglês, de discussões diplomáticas ultra-secretas entre os EUA e a Grã-Bretanha nos meses e semanas anteriores a 7 de dezembro. Em meados de novembro, os japoneses já tinham percebido a decisão de Roosevelt de os atacar. Ao saber da sua duplicidade, Togo, um forte defensor de relações pacíficas com os EUA, e que anteriormente se tinha oposto aos "falcões" do Gabinete, escreveu nas suas memórias do pós-guerra: "Fiquei chocado ao ponto de ficar tonto. Nesta altura, não tínhamos outra opção senão agir". Só depois de lerem o plano de apunhalar pelas costas do Presidente é que até os "pombos" do governo japonês decidiram atacar antes que ele os pudesse atingir primeiro.

Entretanto, o plano secreto de Roosevelt de atacar sem aviso prévio um povo com o qual a América ainda estava em paz tinha sido suspenso por atrasos logísticos. A 22 de novembro, foi informado por Lauchlin Curie de que os bombardeiros e as suas tripulações só conseguiriam chegar às bases chinesas no final de dezembro. O ataque seria lançado o mais tardar pouco depois do Ano Novo de 1942. Os 2.400 americanos que morreram em Pearl Harbor nunca perceberam que foram sacrificados pela conspiração não divulgada do seu presidente para os envolver numa guerra ilegal. Tendo quebrado o seu código diplomático, os japoneses sabiam o que ele estava realmente a tramar e venceram-no, por pouco, cerca de um mês.

Mas, de um só golpe, entregaram-lhe a guerra que há muito procurava para salvar o seu pescoço político, rejuvenescendo a economia dos EUA através da produção maciça de armas. Agora, a esmagadora maioria dos americanos servia de bom grado a sua causa, na trágica ilusão de que estavam a defender o seu país. Elegeram-no para um quarto mandato sem precedentes. Nessa altura, porém, Roo-

sevelt já estava a morrer de gonorreia terminal; o golpe final seria uma hemorragia cerebral.

Sir Robert Craigie, representante de Inglaterra em Tóquio, declarou que os japoneses eram vítimas inocentes do imperialismo de Roosevelt e das conspirações de bastidores de Churchill para envolver a América na guerra, independentemente do custo em vidas humanas. Craigie tinha sido testemunha pessoal do semestre anterior de intrigas tecidas por estes dois criminosos internacionais. Foi secundado pelo congressista Hamilton Fish, que tinha apoiado fervorosamente o pedido do Presidente para uma declaração oficial de hostilidades dos EUA, mas que mais tarde confessou: "Roosevelt foi o principal instigador e o tição que acendeu o rastilho da guerra."

Tal como Churchill (e todos os outros líderes mundiais), Roosevelt compreendia bem a questão judaica e até simpatizava pessoalmente com os nacional-socialistas alemães, contra os quais estava hipocritamente a travar uma guerra de aniquilação, em fevereiro de 1943: "Não se pode realmente culpar os nazis pelo que fizeram aos judeus", confidenciou ao general Auguste Nogues, comandante francês de Marrocos, durante a Conferência de Casablanca, "porque se o povo alemão tivesse de sofrer o que sofreu antes de os nazis chegarem ao poder, nenhum outro povo no mundo teria agido de forma diferente". A compreensão que F.D.R. tinha dos judeus torna ainda mais imoral a obediência voluntária dele e de Churchill a eles. Ele não era um ingénuo, mas estava consciente do mal que servia.

Franklin Roosevelt morreu antes do fim da guerra que ele, mais do que qualquer outro indivíduo, provocou. Nesses últimos meses, reuniu-se em Ialta com os seus infames co-conspiradores. Fisicamente deteriorado pela devastação de uma doença sifilítica e mentalmente desequilibrado, sentou-se para os fotógrafos entre um Churchill embriagado, com o seu Império praticamente desaparecido, e Estaline, que, reflectindo sobre o estado enervado das potências ocidentais personificadas por estas duas personagens lamentáveis, sorria secretamente para si próprio, como o gato comunista que acabou de engolir o canário capitalista. Ao descrever o potentado soviético em Ialta, a *Enciclopédia Britânica* escreve: "Um negociador formidável, ele superou os estadistas estrangeiros".

Nascido Joseph Vissarionovich Dzhugashvilli em 1879, mudou o seu nome para "Estaline" (da palavra russa para "aço", *stal*) depois de se ter tornado um fervoroso comunista. Com as primeiras vitórias alemãs a destruírem a URSS, lamentou: "Tudo o que Lenine construiu para nós está perdido para sempre!" Enquanto o avanço do Eixo continuava durante o primeiro verão de 1941, ele entrou numa longa bebedeira, fechado na sua remota *dacha,* deixando a União Soviética completamente à deriva. Embora a invasão alemã tivesse começado a 22 de junho, Estaline estava demasiado bêbado para fazer um discurso público até 3 de julho;

mesmo assim, mal conseguia murmurar num tom baixo e monótono que só inspirava derrotismo. No entanto, o seu período sabático alcoólico deve ter-lhe feito bem, porque acabou por ficar suficientemente sóbrio para liderar pessoalmente a defesa de Moscovo no inverno seguinte. Abandonando cinicamente a retórica marxista com que tinha vivido toda a sua vida, apresentou-se subitamente como um nacionalista eslavo de grande dimensão. A pose hipócrita funcionou, e milhões de russos, até então desmoralizados, juntaram-se à defesa bem sucedida da sua pátria.

Durante o resto da guerra, provou ser um soberbo senhor da guerra, menos pelas suas capacidades militares - das quais não possuía praticamente nenhuma - do que pela sua implacável reorganização e liderança das forças armadas da URSS. Confrontado com a desmoralização generalizada das forças armadas devido a uma derrota sem tréguas, endureceu a resistência do seu país instituindo um sistema de comissários do Exército Vermelho, que ficavam literalmente atrás dos soldados russos, com pistolas prontas a disparar sobre qualquer homem que vacilasse. Em comparação com o número total de pessoas (7.500) que trabalhavam para a Gestapo alemã em 1939, na mesma altura a União Soviética empregava nada menos que 366.000 polícias secretos.

Para crédito de Estaline, ele já tinha trazido a Rússia para a era industrial (embora à custa de dez milhões de camponeses assassinados, os *kulaks*), e agora transformava as suas fábricas em gigantescas fábricas de munições preparadas para a guerra total numa questão de meses. Estabeleceu tácticas de campo de batalha soviéticas que ignoravam toda a estratégia para ataques de homens e material apenas quando o adversário podia ser esmagadoramente ultrapassado em número, independentemente das baixas sempre pesadas sofridas pelos seus soldados. Por vezes, estes assaltos em massa funcionavam; muitas vezes, falhavam, invariavelmente com a destruição maciça de homens e máquinas russos. Os sucessos soviéticos em Estalinegrado, Kursk e até ao fim da guerra pareciam confirmar a aparente liderança militar de Estaline, mesmo aos olhos de Adolf Hitler.

Mas o Fuehrer e o resto do mundo exterior não sabiam que as vitórias de Estaline lhe eram entregues antes de cada batalha por traidores do Estado-Maior alemão, que, cooperando com Leopold Trepper, chefe judeu da rede de espionagem "Orquestra Vermelha", transmitiam os planos de Hitler ao alto comando soviético. Como Winston Churchill salientou, a Revolução Russa foi em grande parte um assunto judaico, e Joseph Estaline - visto por judeus como Leon Trotsky e Grigory Zinoviev como um fantoche sem inteligência mas maleável - foi colocado como o fantoche dos judeus para a sua tirania soviética. Apropriadamente, ele sentou-se entre Zinoviev e outro judeu comunista, Lev Kamenev, no primeiro triunvirato governante após a morte de Lenin.

Estaline, Churchill e Roosevelt eram mediocridades comuns de inteligência limitada, definidas apenas pelos seus enormes apetites por poder e prestígio pessoais. Não-entidades políticas gananciosas nunca faltam, e estão prontamente disponíveis para os menos frequentemente vislumbrados puxadores de fios judeus, para os quais esses fieis dispostos são tão comuns como totalmente descartáveis. A guerra teve significados diferentes para os líderes mundiais nela envolvidos. Para Churchill, era simplesmente a oportunidade mais gratificante de ganhar a vida e escapar a um escândalo financeiro. Para Roosevelt, era a única forma de sair da Depressão e salvar a sua existência política. Estaline encarou-a como a sua melhor oportunidade de se tornar um outro Genghis Khan, o governante de um planeta dominado pelos soviéticos. Para estes homens, a Segunda Guerra Mundial era apenas um meio para atingir fins pessoais que nada tinham a ver com o fascismo, a democracia, a civilização ou qualquer outra questão pública com a qual eles cobriram as suas agendas privadas à custa de muitos milhões de seres humanos.

Os líderes aliados eram semelhantes no facto de todos sofrerem de problemas pessoais que distorciam o seu comportamento. Churchill era um alcoólico sem remédio. Como todos os grandes consumidores de álcool, era um bêbedo mau, que se deixava levar pela paranoia e pela dependência da beligerância. F.D.R. tinha sido um homem fisicamente vigoroso, na tradição de Roosevelt, até ser afetado pela poliomielite no início da idade adulta. Atingido pela necessidade de parecer forte, apesar da sua própria fraqueza humilhante, compensou excessivamente e sublimou a sua frustração numa agressão exterior. Estaline nasceu com um braço deformado e ressequido, pelo qual nutria sentimentos profundos de inferioridade e vingança, como Ricardo III de Shakespeare.

Eram estes os inadaptados e os azares, os psicopatas aleijados, a quem era confiado o destino das nações. Churchill e Roosevelt eram em parte judeus, enquanto Estaline, um gentio georgiano, vivia com uma família judia (os comunistas Kagonovitches), casou com uma judia (Nadezhda Alliluyeva) e até falava iídiche. A disparidade racial das causas dos Aliados e do Eixo ficou assim claramente definida nas suas respectivas lideranças. Como tal, é impossível compreender a Segunda Guerra Mundial, ou toda a história da humanidade, sem apreciar o papel desempenhado pelos judeus. Em nenhum outro lugar isso é mais evidente do que na história da Segunda Guerra Mundial, a extensão lógica, inevitável e militar da luta política nacional-socialista lançada contra eles por Adolf Hitler vinte anos antes.

Para dar sentido à sua luta, deve ficar claro que a Alemanha democrática do pós-Primeira Guerra Mundial era o recreio dos comunistas judeus que seguiam o ditado de Lenine sobre a revolução vermelha do mundo que passava pelo Reich. O povo alemão estava literalmente a morrer à fome nas ruas de Munique e Berlim, incapaz de encontrar um trabalho a sério e grato pelos trabalhos braçais, muitas

vezes humilhantes, que raramente lhe apareciam. A taxa de mortalidade infantil do país disparou. A fome, a pobreza extrema, a delinquência juvenil, o crime, a imoralidade, a podridão cultural, a violência política de rua e o caos social prevaleciam. Entretanto, os especuladores de terras judeus enriqueceram de um dia para o outro ao adquirirem enormes extensões de bens imobiliários, na sua maioria quintas, a alemães que ficaram destituídos devido aos efeitos catastróficos da "Grande" Guerra. Nessa altura, como agora, os judeus dominavam a maior parte das profissões (especialmente a medicina, a imprensa, as artes e o governo), porque os alemães tinham sido "legalmente" privados de direitos pelo Tratado de Versalhes. Ao mesmo tempo, a pútrida República de Weimar dos anos 20 era uma mistura de judeus marxistas e capitalistas, que consideravam o empobrecido povo alemão apenas um saco de feijão ideológico e económico. Estados, cidades e vilas inteiras, como a Baviera, Berlim e Coburgo, foram tomadas por criminosos comunistas; praticamente todos os seus líderes - Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Kurt Eisner, etc., etc. - eram judeus.

Mas foram derrotados por um movimento popular nunca antes visto, quando Adolf Hitler foi eleito chanceler. Muitos judeus deixaram a Alemanha, emigrando para a União Soviética, França, Inglaterra e Estados Unidos, onde começaram imediatamente a agitar uma guerra de vingança. Todos os seus investimentos políticos e financeiros numa Alemanha permanentemente derrotada tinham-se evaporado com a popularidade do nacional-socialismo. Já no verão de 1933, poucos meses após a vitória de Hitler nas urnas, uma manifestação em massa no Madison Square Garden, em Nova Iorque, foi encenada pelas figuras mais poderosas do judaísmo mundial. O seu porta-voz era Samuel J. Untermeyer, uma escolha perfeita para o trabalho que propunham. Vinte e seis anos antes, Untermeyer tinha levado os Estados Unidos a declarar guerra à Alemanha, apesar das objecções da maioria dos americanos. Conseguiu este feito notável pagando a um corretor que ameaçava Woodrow Wilson com um escândalo, na condição de o indiscreto Presidente reverter a política de não-beligerância do seu governo. (As origens judaicas da participação americana na Primeira Guerra Mundial são irrefutavelmente explicadas pelos notáveis investigadores Andrew Collins e Chris Ogilvie-Herald)

Agora, em 1933, o profissional da guerra estava de novo em ação. Untermeyer proclamou "uma guerra santa", subsequentemente apoiada por todos os judeus americanos proeminentes, contra a Nova Alemanha. "O que estamos a propor e já avançámos muito no sentido de fazer é levar a cabo um boicote económico puramente defensivo que irá minar o regime de Hitler", disse ele, "e trazer o povo alemão à razão, destruindo o seu comércio de exportação, do qual depende a sua própria existência."

Em resposta à "declaração de guerra santa" de Untermeyer contra um povo que

até então não tinha feito mal a ninguém, o jornal judeu *Natscha Retsch* fulminou mortalmente, na melhor tradição do Antigo Testamento: "A guerra contra a Alemanha será travada por todas as comunidades judaicas, conferências, congressos, por cada judeu individualmente! Assim, a guerra contra a Alemanha vai animar ideologicamente e promover os nossos interesses, que exigem que a Alemanha seja totalmente destruída. O perigo para nós, judeus, reside em todo o povo alemão, na Alemanha como um todo, bem como individualmente. Ela deve ser tornada inofensiva para sempre."

O testamento de Adolf Hitler, assinado no dia da sua morte, a 30 de abril de 1945, parece confirmar esta agitação feroz: "É falso que eu ou qualquer outra pessoa na Alemanha tenha querido a guerra em 1939. Ela foi desejada e instigada exclusivamente por aqueles estadistas internacionais que eram de origem judaica ou trabalhavam para interesses judaicos."

Mais de sessenta anos depois, os judeus ainda se referiam a todos os alemães, por mais pró-judeus ou anti-nazis que alguns deles pudessem ser, como membros da "Raça Perpetradora". Foi assim que o Congresso Judaico Canadiano condenou a Historiadora-Chefe da "Secção de Crimes de Guerra e Crimes Contra a Humanidade" do Departamento de Justiça Canadiano, Ruth Bettina Birn, simplesmente porque era uma alemã gentia, apesar de estar a processar nacional-socialistas!

A primeira fase da "guerra santa" de Untermeyer era um boicote económico destinado a destruir a Alemanha com a ajuda "dos nossos milhões de amigos não judeus" (*The New York Times*, 7 de agosto de 1933). Parafraseava uma estratégia delineada em *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (actas de uma reunião secreta de líderes mundiais por volta do início do século XX), segundo a qual qualquer nação gentia que se rebelasse contra as agendas judaicas deveria ser estrangulada através de sanções económicas. Estas serviriam de prelúdio a medidas militares tomadas por outros países gentios onde os judeus ainda exercem influência política (ou seja, financeira). No ponto 3 do Protocolo VII, lê-se na ata: "Devemos estar em condições de responder a todos os actos de opressão através da guerra com os vizinhos do país que ousa opor-se a nós".

Embora histericamente e consistentemente marcado como "uma falsificação" pelos moldadores da opinião pública, a autenticidade do documento foi, no entanto, estabelecida pelos próprios judeus. No seu livro, Beware *of God: The Ultimate Paradox,* o historiador judeu sul-africano David Ash descreve os "Protocolos dos Sábios de Sião, como sendo um verdadeiro aviso à humanidade de que os judeus usam os princípios bíblicos para tomar o poder e promover os seus próprios fins" (Parfrey, 405). No início da década de 1980, um dos judeus mais influentes de meados do século XX, Armand Hammer, patrão da American Occidental Petroleum Corporation, e mestre de marionetas políticas dos presidentes Nixon e

Reagan, estabeleceu uma empresa internacional com outros judeus (o magnata dos media, Robert Maxwell; o multimilionário israelita Shaul Eisenberg; Albert Reichmann, chefe da maior empresa imobiliária do mundo; etc.). Hammer referiu-se descaradamente a este clube de bilionários, composto por alguns dos homens mais poderosos do mundo, como "Os Anciãos de Sião" (Epstein, 322). Afinal, o líder mundial do sionismo estava apenas a repetir o que Untermeyer e o Ponto 3, Número 7 dos *Protocolos* afirmavam, quando Chaim Weizman disse a Winston Churchill, em 1941, que os judeus conseguiram que a América lutasse contra a Alemanha na Primeira Guerra Mundial, e que o fariam novamente na Segunda Guerra Mundial (Irving, *Churchill's War,* Vol. 2, 76,77).

M. Raphael Johnson, Ph.D., escreve que o boicote de Untermeyer "foi um ato de guerra não apenas metafórico: foi um meio, bem concebido, para destruir a Alemanha como entidade política, social e económica. O objetivo a longo prazo do boicote judeu contra a Alemanha era levá-la à falência no que diz respeito aos pagamentos de reparação impostos à Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, e manter a Alemanha desmilitarizada e vulnerável. O boicote, de facto, foi bastante prejudicial para a Alemanha. Estudiosos judeus como Edwin Black relataram que, em resposta ao boicote, as exportações alemãs foram reduzidas em 10%, e que muitos exigiam a apreensão de bens alemães em países estrangeiros"(43). Tudo isto lançado contra um povo cujo único "crime", até então, tinha sido o de criticar os judeus.

Mas o boicote mundial falhou, porque o nacional-socialismo estava a tornar a Alemanha economicamente independente da sua rede monetária internacional. E não era preciso dizer a nenhum judeu o que aconteceria se outros povos gentios despertassem para a realidade do poder judaico, como fizeram os alemães. Além disso, Hitler resolveu o desemprego e restaurou a prosperidade no seu país, enquanto o resto da civilização ocidental chafurdava numa Grande Depressão. Se o seu exemplo fosse adotado noutros países, a rede bancária internacional dos judeus estabelecida pela Casa de Rothschild entraria em colapso.

A agitação contra Hitler no mundo exterior ao longo da década de 1930 torna-se clara não só à luz da "Declaração de Guerra" de Untermeyer a partir do pódio do Madison Square Garden de Nova Iorque. A França tinha um primeiro-ministro judeu, Leon Blum, enquanto Isaac Leslie Hore-Belisha, 1º Barão Hore-Belisha, era o Secretário de Estado da Guerra judeu da Grã-Bretanha e o mais veemente promotor da guerra. Não é de surpreender que Churchill lhe tenha concedido um título de nobreza pelos serviços prestados em nome do conspirador "Focus". Depois havia os judeus soviéticos, cujos planos para instituir um governo mundial único eram ameaçados pelo apelo ideológico do nacional-socialismo muito para além das fronteiras alemãs. Havia todas as razões para acreditar que as mesmas

massas trabalhadoras que tinham sido conquistadas ao marxismo e levado o nacional-socialismo ao poder na Alemanha o fariam repetidamente noutros países, acabando para sempre com o sonho de Karl Marx de uma "ditadura do proletariado" internacional dominada pelos judeus.

Através da sua representação unilateral de Adolf Hitler na imprensa e na indústria cinematográfica como o pior inimigo da humanidade, os judeus começaram a criar psicologicamente um clima de ódio como pré-requisito para as hostilidades armadas. Mas sessenta anos depois da sua declaração de agressão em tempo de paz, até o autor judeu Lenny Brenner admitiu: "Antes da guerra, os líderes sionistas proclamaram um boicote internacional maciço contra o governo alemão. Essa política agressiva alimentou uma situação já inflamada e, consequentemente, ajudou a iniciar o Holocausto [sic]"... (Parfrey, 404,405).

Ludwig Lewisohn, um dos "conselheiros" do F.D.R. e chefe das Organizações Sionistas da América, disse ao *The Jewish Mirror* de Nova Iorque, em 3 de outubro de 1942: "O povo judeu é o símbolo da natureza desta guerra. Não há mais ninguém. Nada mais. Este é o alfa e o ómega, o princípio e o fim de tudo isto!" Os 61 milhões de mortos (para não falar dos 240 milhões de feridos, dos incontáveis milhões de pessoas escravizadas durante gerações sob o comunismo e dos tesouros culturais insubstituíveis destruídos) resultantes do conflito pelo qual ele se arroga o mérito em nome do seu povo fazem dele o criminoso de guerra mais manchado de sangue de toda a história da humanidade.

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas

Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas

Mais de 100 sites em dezenas de idiomas